

Alves Redol

Teatro I

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



obras de Alves Redol

romances

Gaibéus
Marés
Avieiros
Fanga
Os Reineiros (a editar)
Anúncio
Porto Manso
Olhos de Água
A Barca dos Sete Lemes
Uma Fenda na Muralha
O Cavalo Espantado
Barranco de Cegos

ciclo port-wine

Horizonte Cerrado
Os Homens e as Sombras
Vindima de Sangue

contos

Nasci com Passaporte de Turista
Espólio
O Comboio das Seis (em *Contos e Novelas*)
Noite Esquecida
Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos
Histórias Afluentes

literatura infantil

A Vida Mágica da Sementinha

teatro I

Maria Emilia — 1 acto
Forja — 3 actos

estudos

Glória — *Uma Aldeia do Ribatejo*
Ribatejo (em *Portugal Maravilhoso*)
A França — *Da República à Renascença*
Cancioneiro do Ribatejo
Romanceiro Geral do Povo Português (em publicação)

conferência

Le roman du Tage
(edição da União Française Universitaire — Paris)

Alves Redol

TEATRO I

FORJA — 3 actos. MARIA EMÍLIA — 1 acto

2.^a EDIÇÃO

ULFLO7100368



PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

reinvençã de outra realidade pelo encontro
da experiêcia pessoal com um drama comum.

No casulo da minha infância conviveram duas borboletas. Não encontro outra imagem quando nela penso. Sim, duas. Uma vermelha, iluminada, rutilante, que condensa toda a maravilha do meu mundo infante, matriz do que me empolga, e deslumbra, e adoça, matriz e fruto do que me apetece, e construo, e anseio. Uma borboleta vermelha, talvez tonta, ou que me entontece, e me deixa no sangue, na pele, na boca, no ninho das mãos, nas folhas verdes que me nascem nas mãos, mil favos de mel silvestre, construídos na ternura que dei e recebi sem pedir contas aos mil travos de fel que se entornaram sobre mim nestes cinquenta e quatro anos de vida.

Agora começo a parecer-me com um pássaro, descobri-o ontem no perfil de uma fotografia. Meio pássaro, meio índio velho, raízes à superfície das mãos que tanto amor inventaram, tanto rosto, e tanto, vincos de pensar, vincos de chorar para dentro, vincos de apetecer, penas de pássaro cansado de ninho e sem ninho, penas de sonhar, quase uma ruína, ou mesmo uma ruína, e na qual ainda vibra a mesma semente de juventude, pronta a reverdecer a qualquer hora, como as cordas de um instrumento onde a vida passa os dedos para me ressuscitar. Encosto o rosto à terra seca destes cinquenta e quatro anos e oiço o tropel do que lá vai, e invento o tropel do